

A VIDA COMO ELA É...: "A ESBOFETEADA" E "DELICADO" ENTRE A CRÔNICA E O CONTO, ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Paulo José Valente-Barata (UEPA/UFPA)¹

Resumo: *Parte da Teoria Literária ocupa-se em definir e diferenciar os gêneros textuais, buscando, para tanto, as suas características. Nosso escopo é avaliar a obra A vida como ela é..., escrita por Nelson Rodrigues, como coluna para o jornal Última Hora, durante dez anos, a fim de definirmos se se trata de uma coletânea de contos ou de crônicas, para tanto, discutiremos algumas características dos dois referidos gêneros e, na sequência, cotejá-las-emos com as narrativas de "Delicado" e "A esbofeteada". Retomamos como suporte teórico, dentre outros, os textos de Eickenbaum (1971), Candido (1992), Sá (1992), Moisés (1997), e Coutinho (2003).*

Palavras-chave: *Nelson Rodrigues; A vida como ela é...; crônica; conto.*

À guisa de introdução

Conto é tudo o que o autor chamar de conto.
(Mário de Andrade)

Alguém já disse que crônica é a literatura sem tempo. (Luis Fernando Veríssimo)

¹ Professor-horista de Literatura da Universidade do Estado do Pará e Professor de Literatura no programa UAB/UFPA. E-mail: valente.paulo@globomail.com.

Há uma linha muito tênue quando se trata de diferenciar os diversos gêneros textuais que a Teoria da Literatura reconhece. Até que ponto podemos classificar um texto como novela e não como romance? Qual o limiar que diferencia a crônica do conto? Especificamente quando tratamos de conto e crônica, essa dificuldade parece aumentar, pois, essas duas modalidades textuais guardam muitas semelhanças e poucas diferenças. Assim sendo, em que medida nos cabe determinar que dado texto é uma crônica e não um conto?

Voltando os nossos olhares até pouco antes do século XIX, percebemos que havia uma proliferação de novos gêneros textuais. Ian Watt, por exemplo, em *A ascensão do romance* (2010), considera que seja com a obra de Defoe, Fielding e Richardson que se inaugura o surgimento de novos gêneros na literatura inglesa. O teórico considera, a priori, o romance, nesse contexto inglês. No entanto, ao dedicarmos especial atenção ao caso brasileiro, vamos perceber que o romance surge no século seguinte no mesmo espaço em que, devido a tais transformações nos gêneros literários, surgirão outros gêneros, tais como o conto e a crônica. Esse espaço é o jornal, primeira conquista como local de legitimação dos referidos gêneros. Contos, romances e crônicas circularam em espaços nos jornais denominados folhetins².

Não tardou a que os jornais do oitocentos deixassem de ser o único espaço de circulação e edição desses textos. A crônica e conto passaram a compor tombos individuais, assinados por autores de renome já no período, como Machado de Assis, com *Papeis Avulsos*, por exemplo.

Em função dessa origem folhetinesca, o que, hoje, chamamos de crônica e de conto ainda guarda semelhanças com o texto jornalístico como a concisão e a forma direta de tratar de seus temas, muitas vezes, lembrando textos orais, tal qual uma conversa despreziosa.

Ainda devido a tais semelhanças com a origem nos jornais, é importante ressaltar que crônica e conto ainda apresentam similaridades tão consistentes que, por vezes, torna-se difícil ao leitor diferenciá-los, ou indicar quando se está diante de uma crônica ou de um conto. Alguns textos, mesmo já no século XX, parecem passear livremente entre os dois gêneros, na verdade, parecem brincar com essa linha tênue, como nos referimos anteriormente, que os divide e, dessa brincadeira, apresentam narrativas surpreendentes e que envolvem o leitor, confundindo-o.

A crônica, como gênero independente, firma-se como texto que se presta a passear livremente com características de outros gêneros, como o conto, por exemplo, a partir da década de 1930, no Brasil. De acordo com Antonio Candido, "acho que foi no decênio de 1930 que a crônica moderna se definiu no Brasil, como gênero bem nosso, cultivado por um número crescente de escritores e jornalistas" (Candido 1992: 17).

O crítico segue e considera diversos nomes como iniciadores dessa nova crônica estabelecida a partir de 1930. Apesar de destacar Rubem Braga como "voltado exclusivamente para este gênero" (Candido 1992: 17), o autor não deixa de

² Nesse sentido, tomamos a palavra folhetim como espaço geográfico, geralmente na primeira página dos jornais em que se inseriam as prosas de ficção, textos, atualmente classificados como crônicas, contos, novelas e romances. Para maiores esclarecimentos, sugerimos a leitura de *Folhetim: uma história*; de Marlyse Meyer. Cf. bibliografia.

mencionar outros nomes que igualmente contribuíram nesse processo como Carlos Drummond de Andrade e Manuel Bandeira.

Nelson Rodrigues é um dos nomes que também destacamos nesse mesmo contexto proposto por Candido. Conhecido dramaturgo, o anjo pornográfico também produziu um extenso volume de textos que nos propõe esse questionamento: trata-se de uma crônica ou de um conto? Na busca de aclarar tal questionamento, discutiremos especificamente *A vida como ela é...* e para sermos mais precisos, duas de suas narrativas, "Delicado" e "A esbofeteada".

Assim sendo, conforme assinalado anteriormente, esse trabalho retoma a obra que durante dez anos, entre 1951 e 1961, seis dias por semana, Nelson Rodrigues escreveu em uma coluna do jornal *Última Hora*, de Samuel Wainer: *A vida como ela é...*

Para cada dia, uma história diferente, retomando as mesmas temáticas: o amor, o adultério, o sexo, a paixão. O cenário era quase sempre o mesmo também, o Rio de Janeiro coetâneo ao autor. Apesar de se valer dessas mesmas peças na elaboração de suas narrativas, a cada dia surgia uma história diferente, com personagens distintos e que agradava ao público leitor – basta retomar o número de histórias e o período em que foram publicadas, mais uma vez, para confirmá-lo. Os textos, com aparente despreensão, chegariam à incrível marca de duas mil histórias.

Apenas a título de curiosidade, em 1996, *A vida como ela é...*, devido a seu reconhecido sucesso entre os leitores, embasou adaptações de Euclides Marinho para uma série televisiva homônima. Foram selecionadas um total de 40 histórias, e a direção ficou por conta de Daniel Filho e Denise Saraceni. No elenco, grandes nomes da teledramaturgia brasileira como, por exemplo, Cláudia Abreu, Isabela Garcia, José Mayer, Laura Cardoso, Malu Mader, Tarcísio Meira, Tônico Pereira, Tony Ramos e Yoná Magalhães. A série foi apresentada, no Brasil, em um programa de canal aberto no referido ano e reapresentada aos sábados de janeiro do ano seguinte; em julho de 2001 fora exibida após um programa noturno do mesmo canal. Em 2004, a obra teve seu lançamento em formato de DVD.

Quando retomamos esses dados da adaptação de *A vida como ela é...* percebemos quão popular a obra é a ponto de merecer uma adaptação para a TV comercial, sabendo que a televisão comercial não apresentaria um produto sem retorno financeiro, é de se considerar que o texto nelsonrodriguesano teve considerável resposta positiva de crítica e público.

Em relação a esse retorno, devemos compreendê-lo como responsabilidade do próprio texto, ou seja, do teor das crônicas adaptadas, pois, devido a sua pequena extensão e a sua temática, conseguiu atrair um público fiel, ávido pelas histórias do cotidiano tão bem ilustradas pelo texto de Nelson Rodrigues.

Partindo desse *corpus*, analisaremos até que ponto estamos diante de uma crônica ou de um conto ao lermos a obra *A vida como ela é...*, para tanto, discutiremos algumas características dos dois referidos gêneros para, na sequência, cotejá-las com as narrativas de "Delicado" e "A esbofeteada".

1. A crônica: um gênero ao rés-do-chão

"A crônica não é um gênero maior" (Candido 1992: 13). As palavras de Candido parecem-nos autoexplicativas, mas podem causar certo desconforto em quem, sendo da área de Letras, imagina que todos os gêneros textuais hoje canônicos sempre ocuparam esse posto e, por isso, não podem ser questionados na sua validade, importância ou tamanho. Mas, fato é que a crônica, como bem define o autor, é um gênero que não roga a si grande importância, tal qual o romance ou a novela podem fazer. Quem nele se aventura a escrever sabe que trabalhará com o simples, o próximo, o cotidiano e não com um grande acontecimento ou uma dolorosa história de amor que marcará e será lida e debatida por gerações.

Nem sempre identificada como é hoje, a crônica surge, segundo Angélica Soares (2007), no princípio da era cristã, ao relatar cronologicamente os acontecimentos diários e organizá-los. O referido modelo é alterado, no século XII, surgindo os chamados crônicas, como os escritos por Fernão Lopes e, no século XVI passa a ser sinônimo de história.

Somente a partir do século XIX é que a crônica ganha uma forma próxima a qual a conhecemos hoje. Nesse período, ocupa um espaço nos periódicos, conhecido como folhetim, em que era admitida uma pluralidade de formas e gêneros textuais, desde os mais breves ensaios até grandes romances dispostos de forma seriada. Nesse espaço, as crônicas, geralmente semanais, revisitavam os fatos mais importantes da semana, com uma linguagem mais simples e próxima do público, sem a pompa que marcava os outros espaços do jornal. O autor da crônica relatava os fatos ocorridos como se conversasse com o público leitor e lhe confidenciava algo de que tomara conhecimento. José de Alencar, reconhecido romancista brasileiro, produziu diversos textos sob essa perspectiva, relatando o cotidiano de seus leitores para jornais como o *Correio Mercantil* (1854), com a sua coluna "Ao correr da pena".

Conforme posto, a crônica é um gênero que tem por suporte primeiro o jornal. É nesse espaço, pois, que ela aparece, retomando os assuntos debatidos pelo próprio periódico. Por estar inserida no que poderíamos classificar como gênero jornalístico, a crônica também, a priori, é efêmera, tem sua duração curta e rápida e exige do cronista uma agilidade na sua produção para se adequar ao ritmo do jornal. Jorge de Sá (1992) explica essa efemeridade do gênero:

A crônica surge primeiro no jornal, herdando a sua precariedade, esse seu lado efêmero de quem nasce no começo de uma leitura e morre antes que se acabe o dia, no instante em que o leitor transforma as páginas em papel de embrulho [...]. O jornal nasce, envelhece e morre a cada 24 horas. Nesse contexto, a crônica também assume essa transitoriedade (Sá 1992: 10).

Sá ainda retoma outra discussão que nos parece pertinente: a brevidade da crônica e suas qualidades literárias. Há quem considere como prerrogativa de um romance ou de uma novela a beleza e o caráter literário de um texto, relegando à crônica um lugar secundário nesse cenário, visto a sua extensão ser curta e seus temas se referirem à vida cotidiana, pois, a literatura

não conseguiu ainda livrar-se de certos preconceitos que fazem algumas pessoas acreditarem que escrever um romance é bem mais difícil do que escrever um conto ou uma crônica. Além disso, muitos pensam que *narrativa curta* é sinônimo de *conto*, perdendo de vista os gêneros que, por tradição ruim, continuam à margem da nobreza (Sá 1992: 7, grifos do autor).

Porém, à margem da nobreza literária, a crônica herda a agilidade do texto jornalístico, modificando a sua linguagem e transformando-a. Ao se tornar mais próxima do leitor, cria uma sintaxe mais coloquial, lembrando uma conversa entre duas pessoas, um bate-papo desinteressado, assim, uma fusão entre a língua escrita e a língua oral.

Essa modificação de linguagem aproxima a crônica do gosto literário e a sua escrita perde um pouco do caráter efêmero, lembrando-o apenas em seu suporte primeiro – o jornal – é, então, quando alguns cronistas reúnem a sua produção e publicam em livros. Coutinho (2003: 123) assim define essa passagem de modelo jornalístico ao literário: “ela [a crônica] somente será considerada gênero literário quando apresentar qualidade literária, libertando-se de sua condição circunstancial pelo estilo e pela individualidade do autor”.

Em sentido oposto, Candido (1992) considera, porém, que a passagem ao suporte livro não exclui da crônica o seu caráter efêmero, no entanto, a sua despreensão artística lhe consagra espaço entre as obras literárias quase como recompensa:

Ela não foi feita originalmente para o livro, mas para essa publicação efêmera que se compra num dia e no dia seguinte é usada para embrulhar um par de sapatos ou forrar o chão da cozinha. [...] Por isso mesmo consegue quase que sem querer transformar a literatura em algo íntimo com relação à vida de cada um e quando passa do jornal ao livro, nós verificamos meio espantados que a sua durabilidade pode ser maior do que ela própria pensava (Candido 1992: 14-5).

Parafraseando Candido, apesar de não almejar a posteridade, quando a crônica muda de meio de circulação, mostra-se inacreditavelmente durável, alcançando o seu lugar no cânone de grandes obras, tal como ocorre com *A vida como ela é...* Dividida entre o circunstancial do cotidiano – amanhã esquecido – e o fato literário, a crônica fica entre os dois e pode ser classificada quer como texto jornalístico quer como texto literário.

Candido (1992), assim como Coutinho (2003) aponta que, ao entrar à pertença literária, a crônica passa a interagir com outros gêneros e até a assumir características que não comportava quando se restringia ao jornal. Dessa interação, surgem novos tipos de crônicas produzidas no Brasil. Coutinho apresenta algumas possibilidades, conforme reproduzimos a seguir.

Por crônica-informação entende que seja a que divulga fatos com comentários passageiros, menos pessoais. A crônica-comentário, para o autor, estabelece-se quando o cronista interpreta determinado assunto, segundo um ponto de vista muito

particular. Quanto à crônica poema-em-poema, apresenta conteúdo lírico, discutindo aspectos rotineiros da vida. A crônica metafísica manifesta-se a partir das reflexões propostas pelo cronista de cunho, geralmente, filosófico. Por fim, selecionamos a crônica-narrativa, em que Coutinho entende que seja a narrativa "cujo eixo é uma estória ou um episódio, o que a aproxima do conto, sobretudo entre os contemporâneos, quando o conto se dissolveu perdendo as tradicionais características do começo, meio e fim" (Coutinho 2003: 133).

Obviamente, tal classificação não é estanque, tampouco inflexível, pelo contrário, o cronista deve mover-se livremente entre essas possibilidades de trabalho com o texto, o que significa afirmar que uma mesma crônica pode manifestar características irregulares, visto que não se trata de atributos permanentes e, como destaca Coutinho, nem seria próprio da crônica qualquer tipo de aprisionamento, mesmo que se manifestando em outro suporte, mais literário, o livro.

Ainda retomando Candido (1992: 21), nessa passagem das crônicas do jornal ao suporte livro, "parecem [que] marcham rumo ao conto". É nesse caminho que também iremos, rumo ao conto, na busca desse hibridismo que a crônica ostenta ao assumir-se mais literária que jornalística, para depois buscarmos uma definição para os textos que ora analisamos.

2. O Conto: quem conta um conto...

Angélica Soares (2007), ao definir o que é um conto, parte de sua semelhança estrutural com outros gêneros como a novela e o romance, a fim de salientar as diferenças que, segundo a autora, consistem não apenas na extensão daquele ser menor que a desses, mas também por apresentar traços próprios, os quais não encontram paralelo com outros gêneros, como, por exemplo, a concentração em poucas células dramáticas. Sob essa perspectiva, igualmente consideramos o conto como um gênero a parte, com características próprias e bem distintas quando comparado com o romance ou a novela.

A nosso entendimento, via de regra, romance e novela apresentam um número maior de células dramáticas que o conto, ou seja, tendem a ter um número maior de personagens e conflitos discutidos ao longo de sua narrativa, enquanto que o conto tende a ser mais preciso, mais conciso e comedido em relação a esses elementos narrativos. Geralmente, em função dessa característica, o conto é menor que o romance e a novela, o que não constitui uma regra, mas sim um padrão. É importante, porém, ressaltar que uma economia de elementos narrativos, ou seja, um número menor de espaços e personagens, não constitui um defeito ou uma falta desse gênero, apenas uma distinção.

Eickenbaum esclarece a referida característica:

Short story é um termo que subentende sempre uma estória e que deve responder a duas condições: dimensões reduzidas e destaque dado à conclusão. Essas condições criam uma forma que, em seus limites e em seus procedimentos, é inteiramente diferente daquela do romance (Eickenbaum 1971: 162, grifos do autor).

Conforme posto, e reiterando o que afirmamos anteriormente, é na concisão do conto que há a sua distinção, a sua particularidade. Trata-se, pois, de um gênero que se explica com poucas referências. Retomando a forma inglesa, parece-nos ainda mais consistente o que tratamos, *short story*, ou seja, pequena história, significa uma redução dos elementos narrativos em relação a outros gêneros como o romance e a novela.

Dada essa possibilidade de identificar o conto apenas por sua curta extensão, é necessário buscar outras características para identificá-lo, uma vez que esse caráter distinto não se mostra suficiente. Na tentativa de aclarar a questão, julgamos imprescindível um retorno à origem do gênero e às suas transformações históricas para compreendermos o que, atualmente, consideramos um conto.

Moisés (1997) discrimina dois tipos de contos: o literário e o tradicional. Sobre este último, busca na expressão popular a sua origem e aponta uma finalidade moralizante e utilitária, seus exemplos mais marcantes são os contos de fadas e as fábulas que tendem a trazer uma moral ao final da história para os seus leitores após apresentar personagens muito bem definidos, representando visões maniqueístas da sociedade.

Referindo-se à forma literária, o autor é categórico ao afirmar que, apesar de podermos rastrear uma origem tão antiga como da forma popular, é preciso assegurar que foi a partir do século XIX que o conto literário alcançou o seu auge em nossas letras com o surgimento de uma literatura de qualidade e quantidade, e o nome de personalidades conhecidas de nossa literatura produzindo textos nesse formato.

Em outras palavras, podemos entender que o conto acompanha as transformações pelas quais passa a própria literatura, com o surgimento de novos gêneros textuais, a partir do século XVIII, na Europa e XIX, no Brasil, o conto também se adequa às novas formas e aos novos leitores.

Luiza Reis (1987), ao definir o conto, apresenta similar percurso histórico,

como forma simples, expressão do maravilhoso, linguagem que fala de prodígios fantásticos, oralmente transmitido de gerações a gerações e o conto adquirindo uma formulação artística, literária, escorregando do domínio coletivo da linguagem para o universo do estilo individual de um certo escritor (Reis 1987: 10).

Buscando referências no surgimento do citado gênero ao Brasil, Coutinho (2003) afirma que, assim como o romance e a novela, o conto se estabelece, no país, como gênero literário na primeira metade do século XIX, mas aponta que possa ter havido manifestações do gênero, em literatura oral, antes desse período.

O referido autor situa o jornal como o primeiro espaço a receber o conto concomitantemente à crônica, a partir de 1836. É nesse espaço que nossos primeiros contistas buscavam "transportar para o Brasil um tipo de ficção, que estava sendo um dos fatores dos periódicos literários ou políticos do Velho Mundo. Essa razão, porém, é antes jornalística do que propriamente literária" (Coutinho 2003: 46). Assim, retomamos o jornal como seara de surgimento e aclimação do gênero conto. Tal

fato se dá em razão de nossos primeiros contistas serem jornalistas, logo, o jornal era o espaço mais adequado a que imprimissem a sua narrativa curta.

Como já aferimos anteriormente, não apenas o tamanho serve para identificar um conto – basta lembrarmos-nos de contos mais extensos como *O Alienista*, de Machado de Assis, para pôr fim a essa teoria simplista – mas sim, outras características que lhes são implícitas. O dicionário Houaiss, em edição eletrônica, assim o define: “narrativa breve e concisa, contendo um só conflito, uma única ação (com espaço ger. limitado a um ambiente), unidade de tempo, e número restrito de personagens”.

Como se vê, mantendo semelhanças estruturais com a crônica, torna-se difícil delimitar em que medida um texto é uma crônica e não um conto ou vice-versa. Assim sendo, diversos teóricos debatem o que seja um e o que seja o outro. No referente ao texto de Nelson Rodrigues, essa dúvida parece ser pertinente, portanto, tracemos algumas considerações sobre o texto nelsorodrigueano a fim de classificá-lo em um dos dois gêneros aqui referidos.

3. Nelson Rodrigues e *A vida como ela é...*: Crônica ou Conto?

Sou um menino que vê o amor pelo buraco da fechadura. Nunca fui outra coisa. Nasci menino, hei de morrer menino. E o buraco da fechadura é, realmente, a minha ótica de ficcionista. Sou (e sempre fui) um anjo pornográfico.

(Nelson Rodrigues)

É inegável a contribuição de Nelson Rodrigues à dramaturgia brasileira, assim como a sua produção diária de pequenas narrativas, quer chamemos de contos, quer chamemos de crônicas. A ideia inicial da coluna que viria a ser assinada pelo já conhecido e aplaudido autor de *Vestido de Noiva*, era tratar de assuntos que encontrassem correspondência nas outras colunas do jornal *Última Hora*. Assim, a crônica diária deveria refletir ou se pautar em algum assunto factual marcante tratado naquela edição do periódico.

A indicação foi seguida apenas nas primeiras edições de *A vida como ela é...*, pois, Nelson Rodrigues, tão logo pode, subverteu as ordens do dono do jornal e passou a escrever textos que não necessariamente fossem pautados por alguma notícia do dia. Desse modo, Nelson Rodrigues passou a produzir histórias fictícias, fruto de sua imaginação, observação cotidiana, casos de que ouvira falar e assim, durante o longo período em que assinou a coluna produziu mais de duas mil histórias. Para quem hoje se propõe a estudar a referida produção tem pela frente uma dúvida crucial: Afinal de contas, estamos diante de crônicas ou contos? Antes de assumirmos uma postura definitiva, é fundamental que analisemos mais detidamente a coluna em que Nelson Rodrigues publicou os seus textos, no citado jornal.

Em *A vida como ela é...*, há o trânsito entre os bairros do subúrbio carioca com um olhar mais atento aos fatos corriqueiros, que talvez passassem despercebidos a um escritor de um romance, por exemplo. Essa atenção minimalista aos pequenos

flagrantes do dia-a-dia faz do autor da coluna um autêntico observador da vida daquelas pessoas. Devido a esse livre passeio naquele espaço com atenção especial àquelas personagens, temos a construção menos densa dos eventos narrados.

Nas narrativas de *A vida como ela é...* não há uma preocupação em adentrar de modo muito incisivo nos motivos que levam aquelas personagens a agirem do modo como agem, assim, a construção das personagens e dos fatos narrados limitam-se à superfície do que é contado, tal qual ocorreria com um recorte momentâneo da vida das personagens. Desse modo, o que fizeram antes daqueles episódios contados e o que farão depois, não são de interesse para quem conta. Logo, quem conta aqueles fatos apenas tem ciência daquele(s) momento(s) transitório(s) que narra.

Sá determina que o cronista, nesse sentido, é mais superficial na construção de sua narrativa que o contista, exatamente por não se deter nesses pormenores na construção de sua história:

Enquanto o *contista* mergulha de ponta-cabeça na construção do personagem, do tempo, do espaço e da atmosfera que darão força ao fato "exemplar", o *cronista* age de maneira mais solta, dando a impressão de que pretende apenas ficar na superfície de seus próprios comentários (Sá 1992: 9, grifos do autor).

A partir da proposição de Sá, reconhecemos a seguinte tabela para discriminar e salientar as peculiaridades dos dois gêneros.

	CRÔNICA	CONTO
Narrador	Raramente assume papel de personagem. Assim, de uma posição privilegiada, consegue comentar o que narra, sem envolver-se.	Há a presença explícita de um narrador (seja personagem ou observador). Destarte, narrador e autor não se confundem.
Personagens	As personagens são levemente caracterizadas em função do espaço que ocupam na narrativa.	O contista mergulha a fundo na construção da personagem, detém-se mais na sua composição.
Linguagem	Apresenta-se próximo ao oral, à fala, como se fosse uma conversa.	Adequa-se ao estilo do narrador e da narrativa.
Tempo e espaço	Tempo condensado. Narrativa limitada a poucos lugares.	Tempo condensado. Narrativa limitada a poucos lugares.

Conforme já propomos em outros momentos, alguns desses elementos podem-se confundir e nos textos de Nelson Rodrigues essa mistura é evidente, por isso, requerem uma leitura mais atenta a fim de classificá-los como crônica, o que propomos.

A frase de Nelson Rodrigues que abre esse tópico é exemplo disso que tratamos: o olhar do cronista é efêmero, assim como a própria notícia do jornal, daí

esse espaço ter-lhe sido essencial no momento de aclimatação do gênero em nossas letras. O olhar do cronista é aquele que enxerga pelo buraco da fechadura, vê de longe, observa a todos sem ser observado, está em um local próximo, mas sem fazer parte dos fatos contados. É desse lugar privilegiado que ele pode tecer os seus comentários, julgamentos, a sua análise, imprimir as suas ideias acerca daquelas personagens e de seu enredo. Assim sendo, não há a intenção nem possibilidade de examinar mais a fundo o que se narra, basta-lhe comentar aquilo que testemunha.

Essa postura assumida pelo cronista concede-o liberdade para contar os fatos narrados como se estabelecesse uma conversa descontraída, de aparente simplicidade e, como tal, rápida, que não almeja a prosperidade, nem se pretende prolongada. Conforme posto, por ter surgido no jornal, as crônicas de Nelson Rodrigues assumem esse papel, são textos que contam pequenos flagrantes da vida que passariam despercebidos não fosse o texto escrito que as registra, do mesmo modo que uma notícia de jornal.

Nesse sentido, tal qual ocorre com uma notícia de jornal, na qual se conta o fato ocorrido sob uma ótica própria de quem o conta, e, por isso, é pontual, sem se preocupar com o passado ou o futuro das personagens que compõem aquela história, a crônica também é precisa nesse aspecto. Ainda quando se trata de matéria totalmente ficcional, esse gênero não se detém em construir uma narrativa detida nos pormenores, o circunstancial, o breve é capital ao seu desenvolvimento, ou seja, basta-lhe aquele momento narrado.

É importante ressaltar, aqui, que quando afirmamos que se trata de momentos breves, pequenos flagrantes cotidianos, não assumimos a ideia de um ato isolado apenas contado – o que também é possível ao gênero em questão – mas sim, entendemos que circunstancial admite a possibilidade de uma gama de situações encadeadas com as quais, ou por meio das quais, o cronista reflete sobre a própria vida, sobre a sua e sobre a nossa existência e a respeito das quais encadeia uma espécie de diálogo com os seus leitores:

O dialogismo, assim, equilibra o coloquial e o literário, permitindo que o lado espontâneo e sensível permaneça como o elemento provocador de outras visões do tema e subtemas que estão sendo tratados numa determinada crônica, tal como acontece em nossas conversas diárias e em nossas reflexões, quando também conversamos como um interlocutor que nada mais é do que o nosso outro lado, nossa outra metade, sempre numa determinada circunstância (Sá 1992: 11).

Daí advém outro ponto fulcral ao gênero, que é a linguagem simples, pois não há espaço para rebuscamentos linguísticos, tal qual não haveria em uma conversa descontraída, “parece não caber a sintaxe rebuscada, com inversões frequentes, nem o vocabulário ‘opulento’, como se dizia, para significar que era variado, modulando sinônimos e palavras tão raras quanto bem soantes” (Candido 1992: 16).

Isto posto, adentramos ao que pode causar maior estranhamento a quem classifica a referida obra de Nelson Rodrigues como coletânea de contos. É comum, *grosso modo*, distinguir os dois gêneros apontando como conto uma narrativa menor, com poucos elementos narrativos, mas que seria mais extensa que a crônica, cabendo

a essa apenas um fato narrado. Ou seja, a crônica se classificaria como uma ocorrência individual, específica a ser narrada; enquanto o conto comportaria mais de um acontecimento relatado. Tal classificação, de forma simplista, não se sustenta.

Retomando Sá, temos que a crônica pode igualmente apresentar mais de um fato narrado – o que gera a confusão – no entanto, a sua distinção em relação ao conto assenta na perspectiva de que nesse gênero o tratamento dispensado é outro, trata-se de um olhar menos pretensioso, mais coloquial, “insignificante”, com atenção especial à condição humana tratada de forma literária e reflexiva, analítica. Cabe ao cronista narrar e refletir sobre o que narra em um jogo dual, uma via de mão dupla. Narrar não basta, é necessário refletir acerca do que narra, o que não é presente, como regra, no conto:

Com o seu toque de lirismo reflexivo, o cronista capta esse instante brevíssimo *que também faz parte da condição humana* e lhe confere (ou lhe devolve) a dignidade de um núcleo estruturante de outros núcleos, transformando a simples *situação* no diálogo sobre a complexidade das nossas dores e alegria. Somente nesse sentido crítico é que nos interessa o lado circunstancial da vida. E da literatura também (Sá 1992: 11, grifos do autor).

Ainda a fim de aclarar a dúvida se *A vida como ela é...* se trata de uma coletânea de contos ou de crônicas, e atestando que este último pode, igualmente, desenvolver-se em uma sequência de fatos narrados, aproximando-se do conto, Candido expõe diversos tipos de crônicas e, dentre eles, destacamos quando o autor assevera que “outras [crônicas] parecem marchar rumo ao conto, à narrativa mais espriada com certa estrutura de ficção” (Candido 1992: 21).

Sob essa perspectiva, parece-nos mais prudente e coerente classificarmos a produção narrativa de *A vida como ela é...* como coletânea de crônicas, apesar de o modo mais espriado de narrar do que se costuma considerar como crônica. Nela, o narrador interfere no fluxo da narrativa com constantes comentários, sem se deter nos pormenores, sem procurar apresentar momentos anteriores aos que são narrados na existência das personagens.

Para exemplificamos o que afirmamos, ou seja, a presença desse olhar específico, lírico, do cronista na referida obra, tomemos, como exemplo, as narrativas “A esbofeteada” e “Delicado”, presentes no referido livro.

“A esbofeteada” conta um episódio *sui generis* passado entre três personagens, Ismênia, Sinval e Silene. A narrativa começa com uma conversa entre Silene e Ismênia, em que esta se vangloria por ter apanhado do namorado, enquanto aquela repudia a situação e afirma ser capaz de atirar em um namorado caso se portasse de maneira agressiva.

Já a partir desses momentos iniciais fica claro que o cronista interferirá no fluxo da narrativa por meio de comentários e análises do comportamento das personagens. Para exemplificar, temos a apresentação de Silene feita pela voz da própria personagem, imediatamente desmentida pela voz do cronista que, em tom informal, coloquial, atesta o oposto ao que Silene afirma:

- Eu acho que, se um homem me esbofeteasse, eu dava-lhe um tiro na boca!

A Doce Pequena

Mentira. Não daria tiro na boca de ninguém. Impossível desejar-se uma alma mais doce, terna e tão incapaz de violência, de maldade. Mesmo sua exaltação fazia pensar na cólera de um passarinho (Rodrigues 1994: 81).

Esse tipo de comentário com o mesmo conteúdo, por vezes, sarcástico, constitui uma constante ao longo da crônica sempre a serviço da desconstrução do teor sério que este tema pode suscitar.

A história segue com o cronista mostrando os doces modos de Silene que, aos poucos, toma o lugar da amiga e torna-se namorada de Sinval. Após algum tempo de namoro, Silene muda seus modos depois de um diálogo em que fica claro qual o tema a ser explorado na crônica: um jogo perigoso de ciúmes e agressão contra a mulher.

Mas este diálogo, impudente, perturbador, deveria marcá-la, e muito. A partir de então, foi outra alma, outra mulher. Era uma menina de modos suaves e bonitos. E, subitamente, passou a chamar a atenção de todo mundo, com atitudes desagradáveis, de escândalo. Nas festas, dançava com o rosto colado; e houve um baile em que bebeu tanto que teve que ser carregada, em estado de coma. Por outro lado, torturava o pobre Sinval, desacatando-o na frente de todo mundo. Ele, serenamente, com uma mesura à Luís XV, submetia-se às piores desconsiderações, incapaz de um revide (Rodrigues 1994: 84).

O modo como as personagens são apresentadas faz com que o leitor, em certa medida, questione os atos daquele homem e daquela mulher, ou seja, a agressão a que tais atos de Silene conduzirá o namorado. Percebemos, portanto, que um assunto sóbrio debatido não perde a sua importância mesmo sendo apresentado de modo simples. O tema sério está presente naquele texto, apenas apresentado de modo mais informal.

Destacamos, também, que os subtítulos que permeiam o texto como marcas da mudança temporal da narrativa não são postos de maneira aleatória, pois, são indicadores da forma como o cronista concebe e apresenta aqueles fatos e aquelas personagens, ou seja, quando, Sinval é apresentado como "o violento" e Silene como "doce pequena" há a demarcação de que se trata da forma como o cronista percebe a personalidade das personagens, sempre com um teor humorístico, irônico, marcas do gênero crônica, uma vez que percebemos posteriormente que Silene não é tão doce e pura como nos faz supor, a priori:

Na sua cólera, humilhou-o:

- Você não é homem! Se fosse homem, eu não faria de você gato e sapato!

Ela bebera, outra vez, além da conta. Talvez por isso ou por outro motivo qualquer, Sinval limitou-se a sugerir: "Vamos, meu anjo?". Mas em casa, sozinha, ela imergia numa ardente meditação. Uma noite, vão a uma outra festa. E lá Silene superou todas as leviandades anteriores. Quase à meia-noite, de braço com o par accidental, vai para o jardim. Sinval espera vinte minutos, meia hora, uma hora. E não se contém mais: vai procurá-la. O par, assim que o viu, pigarreou, levantou-se e desapareceu. Silene ergue-se também. Com um meio-sorriso maligno, anuncia: "Ele me beijou". Sinval não disse uma palavra: derruba a noiva com uma tremenda bofetada. Ela cai longe, com os lábios sangrando (Rodrigues 1994: 84).

O final da crônica nos faz considerar uma série de temáticas exploradas, sempre com certo humor: a violência contra a mulher, a relação entre masoquismo e sadismo, ciúmes nos relacionamentos humanos etc. Apesar da aparente rapidez e simplicidade tais temas estão ali postos e permanecem após a última cena narrada em "A esbofetada":

– Esperei tanto por essa bofetada! Agora eu sei que tu me amas e agora eu sei que posso te amar!

Passou. Mas nos seus momentos de carinho, e quanto estavam a sós, ela pedia, transfigurada: "Me bate, anda! Me bate!". Foram felicíssimos (Rodrigues 1994: 84).

Ao optar por esse final, sem maiores explicações dos motivos que levaram a transformação de Silene ao longo da narrativa, percebemos que o narrador toma uma postura de não se deter a tais particularidades, limitando-se à superfície dos fatos narrados, conforme considera Sá, em excerto anteriormente transcrito, diferenciando-se de um contista que se deteria mais na construção dessa personagem e na atmosfera desses fatos narrados.

Assim sendo, é pertinente reiterar que os assuntos ali postos poderiam suscitar discussões mais profundas, com abordagens psicológicas, sociológicas, feministas, porém o narrador se limita a apresentá-las em meio a comentários mais triviais, simples, sem esvaziar a própria importância do tema. Em outras palavras, tais discussões sérias podem surgir a partir da leitura de uma crônica, mas nela não serão exploradas com esse teor sisudo no próprio texto.

Em "Delicado", é narrada a história de Eusebiozinho, oitavo filho de uma família em que há apenas mulheres. Órfão de pai e criado pela mãe e pelas irmãs mais velhas, o menino tem trejeitos e hábitos que podem ser considerados femininos. A começar pelo título da narrativa, pressupõe-se o que será discutido, elemento reforçado pelo nome do protagonista. Ao ser introduzido no diminutivo, o narrador deixa clara a delicadeza do garoto e a forma protegida como foi criado pelas mulheres de sua família, alheio a uma figura masculina constante.

Ao ser visitada por um tio, representando a figura paterna naquele contexto, a família é incumbida de providenciar uma noiva para o garoto, após um diálogo com o tio:

- Você tem namorada?
- Não.
- Nem teve?
- Nem tive.

Foi o bastante. O velho quase pôs a casa abaixo. Assombrou aquelas mulheres transidas com os vaticínios mais funestos: "Vocês estão querendo ver a caveira do rapaz?". Virou-se para d. Flávia:

- Isso é um crime, ouviu?, é um crime o que vocês estão fazendo com esse rapaz! Vem cá, Eusébio, vem cá! Implacável, submeteu o sobrinho a uma exibição. Apontava:
- Isso é jeito de homem, é? Esse rapaz tem que casar, rápido! (Rodrigues 1994: 41).

O subtítulo do texto do qual o referido trecho foi extraído remete ao título da própria crônica, "flor de rapaz". Novamente, Nelson Rodrigues utiliza do mesmo expediente para expressar a opinião do cronista sobre a narrativa que conta. Ainda que o rapaz não seja descrito como feminino, os subtítulos aliados à fala do tio deixam essa característica clara. A partir desse trecho, há o começo de uma verdadeira caça à esposa ideal ao garoto, numa sucessão de cenas hilárias:

E começou o idílio mais estranho de que há memória. Numa sala ampla da Tijuca, os dois namoravam. Mas jamais os dois ficaram sozinhos. De dez a quinze mulheres formavam a seleta e ávida assistência do romance. Eusebiozinho, estatelado numa inibição mortal e materialmente incapaz de segurar na mão de Iracema. Esta, por sua vez, era outra constrangida. Quem deu remédio à situação, ainda uma vez, foi o inconveniente e destemperado tio. Viu o pessoal feminino controlando o namoro. Explodiu: "Vocês acham que alguém pode namorar com uma assistência de Fla-Flu? Vamos deixar os dois sozinhos, ora bolas!". Ocorreu, então, o seguinte: sozinha com o namorado, Iracema atirou-lhe um beijo no pescoço. O desgraçado crispou-se, eletrizado:

- Não faz assim que eu sinto cócegas! (Rodrigues 1994: 42).

No excerto fica claro o tom de humor que o cronista agrega à narrativa, em função da cena descrita e da reação do tio ao vê-la e de Eusebiozinho ao 'namorar'. Na sequência, há os preparativos para o casamento, sempre pensado nos mínimos detalhes por Eusebiozinho que, inclusive, escolhe e ajuda na confecção do vestido de noiva.

A partir desse momento, o cronista constrói a sua narrativa sustentada no roubo do referido vestido e a conclusão da crônica se dá no momento em que a mãe do jovem, d. Flávia, encontra o filho morto, enforcado na sala, trajando o vestido e

um pedido de ser enterrado daquela forma. Segundo posto, há a possibilidade de se discutir um assunto ainda mais sério que os já discutidos até então, o suicídio.

Em paralelo a tais cenas, fica patente a discussão possibilitada pelo texto: até que ponto há um padrão de masculino e um de feminino? De que modo uma atitude machista, como a do tio do garoto, pode desencadear uma situação maléfica? Até que ponto podem os familiares interferir na vida uns dos outros? O que leva uma pessoa ao suicídio? Assim sendo, há nesse texto a apresentação de assuntos sérios, com uma carga dramática que possibilita diversos debates, porém, estão todos expressos de forma que mais lembram observações rotineiras sobre a vida de um conhecido devido à forma leve com que são exploradas pelo cronista.

Os dois exemplos aqui selecionados mostram uma preocupação de Nelson Rodrigues em discutir assuntos sérios, mas de modo informal, tratando dos assuntos da forma mais natural possível, por vezes, casual. Ao apresentar a história de Silene, trata da violência contra a mulher – sem dúvida, um assunto seriíssimo e ainda na ordem do dia – porém, a forma como tal assunto é debatido é desprovido dessa carga de debate de assunto sério. Desse modo, conforme Candido, o cronista consegue mostrar ao leitor uma problemática social, pois, “a impressão do leitor é de divertida simplicidade, que se esgota em si mesma; mas por trás está todo o drama da sociedade” (Candido 1992: 18). Ou seja, a simplicidade existente na crônica camufla um debate muito maior, pertinente e que não se esgota naquele momento, como se poderia supor.

Do mesmo modo, quando, em “Delicado”, Nelson Rodrigues parece abordar a homossexualidade da personagem principal de forma despreziosa. Como leitores, não estamos diante de um tratado sobre a sexualidade humana ou um estudo de gênero e identidade sexual, mas tais assuntos não deixam de se apresentar pertinentes naquele texto, ainda que de modo menos formal.

As intervenções do cronista pautam a maneira como os referidos temas serão discutidos e apreciados pelos leitores. É claro que essa visão do cronista não determina a recepção da crônica, assim como nenhum autor pode determinar a leitura que será feita de sua obra, porém, o modo como dado texto é apresentado, propõe um caminho de leitura, é uma forma de recepcionar e debater dado tema, dando-lhe um *status* sério ou informal, como uma “conversa fiada”, tal qual considera Candido. Nos textos de Nelson Rodrigues, como era de se esperar em função do gênero crônica em que se apresentam, os temas sérios são expostos de forma simples e breve.

Devemos, ainda, ficar atentos ao fato de que por ser simples, não significa que as crônicas devam ser simplórias, de debates rasteiros, pelo contrário, na sua simplicidade, há uma riqueza a ser explorada pelo leitor do gênero em questão:

Quero dizer que por serem leves e acessíveis talvez elas [as crônicas] comuniquem mais do que um estudo intencional a visão humana do homem na sua vida de todo o dia. [...] Na verdade, aprende-se muito quando se diverte, e aqueles traços constitutivos da crônica são um veículo privilegiado para mostrar de modo persuasivo muita coisa que, divertindo, atrai, inspira e faz amadurecer a nossa visão das coisas (Candido 1992: 19).

Fato é que é preciso retomar essa que parece ser a característica mais marcante do gênero: a simplicidade, uma vez que deste modo o cronista comunica mais e melhor, pois, alcança um público maior que aquele que poderia ser alcançado por um tratado, seguindo o exemplo de *Candido*.

A crônica consegue, de modo leve e desprezioso, discutir assuntos graves e propor uma reflexão que compreenda a própria condição humana em meio a tais problemas. Em outras palavras, percebemos que não se debate o macro das relações e decisões humanas, mas sim, o micro, aqueles pequenos atos que juntos constituem a pessoa humana como ela é.

Considerações finais

Conforme posto, aclarando as diferenças e semelhanças entre os gêneros curtos crônica e conto e cotejando-as com os textos de Nelson Rodrigues selecionados, concordamos que se trata de crônicas esses textos, uma vez que, de modo desprezioso e com uma linguagem leve, há o debate de assuntos sérios e cotidianos como nos exemplos utilizados, a homossexualidade, o suicídio e a violência contra a mulher motivada por ciúmes.

Debater assuntos sérios de modo descompromissado com um olhar específico e sustentado por comentários do cronista, torna a crônica um dos gêneros mais simples e acessíveis a uma grande massa de leitores se comparado ao alcance de um romance volumoso; e tal abrangência é de suma importância para manter vivas discussões sobre assuntos sérios que, talvez, em outros gêneros e de modo sisudo, não tivessem o mesmo alcance.

Por fim, precisamos esclarecer que o debate não se esvazia aqui, assim como as querelas geradas por uma crônica não se encerram em suas linhas finais. É sempre salutar discutir outras formas em que o gênero crônica se apresenta, a fim de reconhecer outros modos que não apenas o pontual dos fatos mas, também o mais espreado, similar ao conto, por exemplo. Do mesmo modo que é imprescindível reconhecer a sua importância como veículo de discussão de assuntos sérios de modo mais acessível, o que torna a sua leitura importante como meio de apreciar a própria condição humana.

A VIDA COMO ELA É...: "A ESBOFETEADA" AND "DELICADO" BETWEEN CHRONICLE AND SHORT STORY, SOME CONSIDERATIONS

Abstract: Part of Literary Theory is concerned with defining and differentiating textual genres by looking for their characteristics. We aim to evaluate *A vida como ela é...*, written by Nelson Rodrigues, as a newspaper column at *Última Hora*, for ten years, in order to define whether it is a collection of short stories or a collection of chronicles, for that, we discuss some features of those two genres and, then, we compare the narratives of "Delicado" and "A esbofeteada". We use as theoretical support, among others, the texts of Eickenbaum (1971), *Candido* (1992), Sá (1992), Moisés (1997), and Coutinho (2003).

Keywords: Nelson Rodrigues; *A vida como ela é...*; chronicle; short story.

REFERÊNCIAS

- CANDIDO, Antonio. A vida ao rés do chão. In: CANDIDO, A. et al. *A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*. Campinas: Editora da UNICAMP/ Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa, 1992.
- COUTINHO, Afrânio (dir); COUTINHO, Eduardo de Faria. *A Literatura no Brasil: relações e perspectivas conclusão*. 6 ed. São Paulo: Global, 2003.
- EICKENBAUM et alli. *Teoria da literatura: formalistas russos*. Tradução: Ana Ribeiro, Maria Pereira, Regina Zilberman e Antônio Hohlfeld. Porto Alegre: Globo, 1971.
- HOUAISS. *Conto*. Disponível em: <<http://houaiss.uol.com.br/busca.jhtm?verbete=conto&x=0&y=0&stype=k>>, acesso em 18 fev. 2013.
- MEYER, Marlyse. *Folhetim: uma história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- MOISÉS, Massaud. *Dicionário de Termos Literários*. São Paulo: Cultrix, 1997.
- REIS, Luzia de Maria. *O que é o conto*. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- RODRIGUES, Nelson. *A vida como ela é...* São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- SÁ, Jorge de. *A crônica*. 4 ed. São Paulo: Ática, 1992.
- SOARES, Angélica. *Gêneros Literários*. 7 ed. São Paulo: Ática, 2007.
- WATT, Ian. *A ascensão do romance*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

ARTIGO RECEBIDO EM 06/03/2013 E APROVADO EM 02/04/2013